

events for the ethic consciousness of mankind and gives birth to conventions that rule laws and governments of many countries.

The Church, after the stage of suspicion and reserve towards doctrines on which they are based, takes the movement of human rights as inner part of its evangelizing task and tries to become strongly renewed. As it needs to awake the critical sense of citizens, it cooperates with other organizations devoted towards liberating education realizing the need to make christians fraternally solidary and open before a generous engagement, it tries to make up a consequent pastoral action.

Human rights as a sign on our age show the direction of history and tear new ways to the mission of the Church. To understand them thoroughly and practise them within a just pedagogy is a challenge that requires a suitable answer.

LEÃO, Manuel - *Books, Booksellers and Printers in the 18th century Oporto*.
p. 61-123

The title is carefully studied as far as the 18th century is concerned. French merchants prevailed in Oporto.

PEREIRA, Henrique Manuel S. - *Guerra Junqueiro Teixeira de Pascoaes towards a friendship map*.
p. 125-144

Both authors are studied here. More than fetching influences or similarities between them, and setting out from unpublished notes, dedications of books, cards and letters — all of them kept in the libraries of Casa Pascoaes, at Amaranthe, and Maria Isabel Guerra Junqueiro and Luis Pinto de Mesquita Carvalho Foundation, in Oporto, the friendship between these two Portuguese poets is drawn.

Some known texts are corrected even those studied nowadays. A short but meaningful Pascoaes's text is published. The author didn't find any hints of it though it was written when Junqueiro died long

Notas e Comentários

1999 - Ano do Idoso

O Fenómeno Psicossocial do Envelhecimento Humano

Talvez mais que no passado, a terceira idade tornou-se um tema central para as ciências sociais, a pastoral e para algumas perspectivas políticas. Há quem afirme que se trata de um empolamento artificial; outros defendem que é a autoconfiança social envelhecida que acordou para um fenómeno realmente preocupante pela sua dimensão e aceleração.

Reconhecendo o facto geral biopsíquico do envelhecimento, como base do social, aqui e agora, apenas faremos uma breve referência ao respectivo componente social e algumas implicações psicológicas.

1. Socialmente o envelhecimento implica uma *mudança de estatuto social* do idoso. De facto, é o corpo social que determina quando alguém se torna socialmente velho, qualquer que seja ainda a sua vitalidade e capacidade subjectiva e objectiva. E isto porque ou chega a pré-determinada idade cronológica da reforma, ou porque se pretende a renovação dos quadros, etc. Na verdade, as estruturas sociais tornam as pessoas socialmente idosas, *retirando-lhes papéis e funções* ou atribuindo-lhes outros que correspondem à classificação de «idoso» e desactivado.

2. Realmente, no concreto, o envelhecimento é mais diacrónico do que sincrónico, porque:

- A sociedade e respectivos hábitos nos meios rurais e urbanos é bastante diferente, em muitos aspectos, nomeadamente nas formas de propriedade e no tipo de trabalho: são menos os assalariados e são bastantes mais as tecnologias e respectiva inovação e adaptação. Por outro lado, a posse de habitação, de terrenos e oficinas próprias, em que sempre se investe algum trabalho, prolonga a consciência de utilidade, vitalidade e capacidade de decidir por si e prolonga algumas actividades.

- Nos ambientes sociais citadinos, que exigem constante inovação tecnológica, mudança de mentalidade e de processos de trabalho, a passagem a «reforma-

do» é mais cedo, mais radical e agressiva, porque corre o risco de «arrumar» legalmente pessoas que ainda se sentem aptas e válidas.

- Mais que nunca seria necessário e urgente tomar consciência social teórico-prática de que deveriam ser os idosos a garantir a continuidade, a estabilidade social e a comunicação de valores humanos, que não são da ordem técnica, mas de sabedoria, fruto de vivências de gerações e transmitidos pela via dialogal, afectiva, imitativa e estimulativa.

3. A *evolução demográfica* foi diferente ao longo de milénios. O grande desequilíbrio, nomeadamente na Europa, principiou com as novas estruturas sociais do século dezoito, a revolução científica e industrial do século passado e o actual. Durante largos períodos da História não foi assim:

- A natalidade era naturalmente elevada, atingindo uma média de quarenta por cento; mas porque a mortalidade infantil atingia uns trinta por cento, o saldo fisiológico era relativamente baixo. Mais ainda: havia crises demográficas cíclicas, com guerras e epidemias, de que resultava uma média de vida baixa, mantendo a população jovem.

- De facto, o crescimento populacional europeu tem como marco a segunda metade do século XVIII, devido a vários factores, nomeadamente graças aos progressos técnicos, com consequências na longevidade sadia, científicos e no campo da medicina. Daí resultou a melhoria social da higiene pessoal, cosmética e pública. A alimentação também melhorou pela introdução do cultivo da cana do açúcar, do milho, da batata e outros elementos vindos dos continentes recentemente descobertos.

4. Simplificando, a *nossa curva demográfica* poderá ser concebida em termos de ser dividida em três grandes fases:

- Na primeira deu-se uma queda de mortalidade e aumentou a média de vida da população;

- Na segunda, continuou a queda da mortalidade e aumento da média de vida, mas acentuou-se a queda da natalidade;

- Numa terceira fase baixaram as taxas de natalidade até quinze por cento e a taxa de mortalidade fixou-se nos dez por cento.

Seguindo esta curva, na década de setenta, o saldo fisiológico era de, aproximadamente, cinco por cento, com uma duração média de vida razoavelmente elevada. Todavia, as taxas de mortalidade têm-se mantido e as de natalidade baixado, a ponto desde 1987, Portugal estar com um saldo fisiológico negativo. Estamos na média de filho e meio por casal.

Esta constatação, além de outras implicações sociais e pastorais, indica-nos que a nossa sociedade tende, aceleradamente, para o envelhecimento populacional, seguindo a regra comum, constatada nos países desenvolvidos: a queda acentuada da natalidade não compensa, adequadamente, a renovação social, verificando-se um nítido envelhecimento demográfico e consequente desequilíbrio social.

Daqui resultam várias consequências em termos de grupos etários: trava-se o crescimento global equilibrado; em termos percentuais aumenta a população ido-

sa, diminui a população jovem e desequilibra-se a população activa que, económica e socialmente, terá de sustentar um grande peso de inactivos - crianças e terceira idade alargada.

5. As histórias da evolução económica e social demonstram que, mais que outros, os idosos foram vítimas do sistema. É que a revolução industrial e a consequente concentração urbana, provocou mutações profundas no sistema produtivo, na organização social, na difusão de novos valores com melhores condições de vida, acompanhados de novas atitudes e comportamentos, insistindo na produtividade, na competição e acelerou-se o consumismo. Acentuou-se a dinâmica do ter, do consumir em detrimento do ser e de alguns valores da anterior sociedade, nomeadamente da estrutura familiar e respeito pela diferença e complementaridade.

Entre outros elementos são de especial relevo os seguintes:

- No novo *sistema produtivo* o idoso é quase sistematicamente posto na *inactividade*. O primeiro objectivo a atingir, nesta nova dinâmica, é o lucro imediato. Daí a necessidade de agressividade nos processos de criar necessidades artificiais, de buscar consumidores para escoar os produtos.

As fontes de energia mudam aceleradamente: desde o carvão, o vapor, a electricidade, o petróleo até à nuclear. As novas técnicas giram à volta do magnetismo, da computadorização e da robótica. Dá-se a concentração nas fábricas e exige-se sincronização de tarefas em cadeia. E é evidente a cisão entre o produtor e o consumidor. O idoso tem dificuldade em acompanhar e integrar-se neste mundo acelerado e com constante inovação tecnológica.

- Na *organização social* o idoso é fortemente *marginalizado*. É evidente que na actual sociedade, a estratificação social faz-se muito à volta do poder sob a forma científica, tecnológica, social e económica. O dinheiro e o saber dominam quase tudo. As necessárias deslocações, a mobilidade social, a autonomização do indivíduo, pela capacitação profissional, tendem a desagregar a estabilidade familiar, com as respectivas funções equilibrantes, e a secundarizar o papel dos idosos, cujo destino vai sendo a solidão em casa ou nos «lares» para a terceira idade, onde podem sofrer de exclusão.

- As *condições da vida actual* tendem a afastar as gerações. No sistema produtivo, industrial, jovens e idosos raramente podem colaborar, dada a diferente capacitação tecnológica duns e doutros. A integração social é difícil e, frequentemente, há falta de espaço nas casas para a coabitação serena.

Mais: os idosos sofrem porque se sentem dependentes dos que dispõem do poder e que na teoria ou na prática rejeitam os valores que orientaram a sua vida pessoal, familiar e social. E a maior agressão que sofre o idoso é sentir-se ignorado, arrumado, socialmente morto.

6. Há certos valores sociais e psicológicos que podem agravar e acelerar o envelhecimento:

- A *inactividade*, ou a actividade sem sentido, geram uma dolorosa consciência de *inutilidade* e fuga para a solidão, com uma aguda consciência de *injustiça*. A automarginalização frequentemente representa uma forma de protesto contra quem não conta com a pessoa, que só é passado, quase socialmente morto. De fac-

to, a ausência de estimulação, de sonho e de projecto para o futuro, é a morte das esperanças, da esperança e uma ante-câmara da morte física.

• Esta situação, genericamente caracterizada, é algo diferente nos meios urbanos e rurais e dependente também da profissão e do estatuto social; segundo a situação do idoso é de *assalariado*, *quadro técnico* ou *proprietário*.

Na cidade, frequentemente, os *assalariados* não só perdem a identificação social, como sofrem dificuldades económicas e representam encargo para as respectivas famílias. É frequente sentirem-se desenraizados e com agressividade, significando protesto pela situação não assumida porque lhes é imposta.

Nos *quadros técnicos* nota-se elevada mortalidade logo após a reforma. A inactividade, a perda de estatuto profissional, a falta de preparação para a velhice, tende a desencadear questões de ordem mental e a desejar desaparecer. Visto que perderam a auto-afirmação, desagrega-se a auto-imagem positiva.

Os *proprietários* tendem a agravar os conflitos entre gerações e é frequente o agravamento de tensões familiares. Habitados a serem os condutores, sentem-se ultrapassados. Agrava-se a situação de desconfiança, de ameaças e de impertinente interpretação do que os outros dizem ou fazem.

Em suma: a reforma, se não for atempadamente preparada, ao desencadear o corte quotidiano com a vida profissional e a consciência de perda do estatuto e importância, genericamente é perturbadora do gosto de viver.

• No meio rural é bastante diferente. Exceptuando uma ou outra situação, os idosos são:

- Grupo homogéneo em que a idade é um valor, enquanto depositários da tradição são respeitados e ouvidos;

- Também mantêm algumas funções produtivas e prestam serviços. Mantêm certa autoridade educativa e comunicam com o meio em que se afirmaram com a própria identidade.

A mutação nas condições de vida, de vitalidade e de competitividade é um facto. Mas continua integrado no meio, com laços familiares e sociais e sem perder a própria identidade e gosto pela vida.

Há vantagens de vária ordem em que o idoso permaneça no seu meio familiar e social. As rupturas são uma agressão demasiado violenta para essas fases, em que a adaptação é difícil e fonte de insegurança.

As pessoas deveriam preparar-se para a velhice como um processo normal. É importante criar alternativas à vida profissional para o tempo de reforma e saber apreciar as fases de formação, de produção e as fases do amadurecimento e de ritmo menos acelerado.

7. A relação do idoso com a respectiva família foi diferente ao longo das gerações. A família, que principiou por ser multigeracional, passou depois para a família nuclear e até só conjugal, libertando-se, parcialmente, do parentesco.

Na primeira fase era no interior do agregado familiar que se resolviam as questões de produção e colocação da mercadoria, acompanhando o crescimento dos novos com a educação, fornecendo assistência e segurança a todos os membros do agregado familiar. Posteriormente estas funções macro-sociológicas englobantes foram distribuídas pelos serviços sociais, fixando-se os pais e irmãos,

predominantemente, na personalização e comunicação dos valores sócio-culturais e religiosos da família.

Hoje em dia, frequentemente, a morte de um dos cônjuges arrasta o sobrevivente para certa desagregação das referências e interesses fundamentais. Os viúvos, em geral, têm dificuldade na inserção na família dos descendentes ou ascendentes, porque perdem o estatuto e autonomia. Neste aspecto o sexo feminino é mais adaptável.

O sofrimento afectivo agrava-se caso haja afastamento do meio em que viveram e também na medida que são alterados os seus hábitos e retirada a capacidade de decisão e participação.

As rupturas entre gerações, a falta de comunicação serena e prolongada entre avós, pais e netos, tornou-se um malefício para todo o tecido social, enquanto se perdeu a comunicação e assimilação da sabedoria do vivido.

Não valerá muito a pena ser saudosista e irrealista; mas não é atitude inteligente não reconhecer os erros e não tentar encontrar alternativas para bem de todos, sem o martírio de ninguém. De facto a velhice é tempo de sabedoria e síntese de todas as idades.

BERNARDO DOMINGUES, O.P.